

VILÉM FLUSSER

Clássicamente distinguimos entre três ou quatro "reinos da realidade". O primeiro seria o reino das coisas inorgânicas, cuja estrutura é estudada pelas ciências físicas. O segundo seria o reino dos organismos, cuja estrutura é tema da biologia. O terceiro seria o reino dos processos do pensamento, cuja estrutura é assunto da psicologia. E, finalmente, haveria um quarto reino, (investigado sistematicamente apenas no presente século), o reino das relações inter-subjetivas, cuja estrutura é assunto das ciências económicas e sociais. Esta é, "grosso modo", a nossa ontologia: o segundo reino é consequência do primeiro, (por salto), o terceiro do segundo, e o quarto do terceiro. É verdade que existem problemas. Os limites entre os reinos são borrados. Mas a nossa ontologia é de uma nitidez invejável. Participamos dos quatro reinos, nós homens. Somos seres inorgânicos, e a física diz nos respeito. Somos seres orgânicos e explicáveis biologicamente. Somos seres pensantes e a psicologia esclarece os nossos comportamentos. E somos seres sociais e podemos orientar nos pela sociologia. Em suma: participamos, enquanto homens, de todos os reinos da realidade. "Anthropos metron panton" = somos a medida de tudo.

Podemos, a partir dessa nossa posição englobante, salientar ora este, ora aquele reino do qual participamos. Podemos escolher entre quatro cosmovisões substituíveis. Salientando a nossa dimensão inorgânica, teremos uma cosmovisão fisicalizante, (como a tiveram os materialistas do século 18). Salientando a nossa dimensão orgânica, teremos uma cosmovisão biologizante, (como o teve o romantismo e o vitalismo). Salientando a nossa dimensão cogitante, teremos uma cosmovisão psicologizante, (como a tem os freudianos e jungianos). E salientando a nossa dimensão social, teremos uma cosmovisão socializante, (como a tem os marxistas). Em suma: podemos explicar o mundo partindo de nós mesmos.

Sugiro ao leitor que a ontologia exposta é ingenua e falsa. Sugiro que existem realidades das quais não participamos. Sugiro que o nosso antropologismo é um ingenuo antropomorfismo. É, para demonstrar a minha afirmativa, não necessito recorrer a realidades "superiores", das quais nos falam os visionários que ultrapassaram milagrosamente a condição humana. As realidades alheias às quais me refiro não são anjos, poderes ou influências ocultas. Para entrarmos em contacto com essas realidades inteiramente diferentes da nossa não é preciso entrar em êxtase ou participar de séances espiritistas. Com efeito: essas realidades estranhas abundam na situação que nos cerca corriqueiramente e profanamente.

No nível inorgânico cito como exemplo os cristais, (seres inteiramente divorciados da nossa realidade). No nível psicológico cito o comportamento do óctopus, (um comportamento inteiramente fechado para a nossa compreensão intuitiva). No nível social cito a sociedade das formigas, (uma realidade social totalmente diferente da nossa). Mas o presente artigo toma por exemplo uma realidade do nível da biologia: as plantas. O seu propósito é ilustrar a ingenuidade de toda cosmovisão antropomorfa, portanto de todo antropologismo.

Que é um vegetal? Um determinado movimento de ácidos ribonucleínicos e albuminas. Esta é a minha razão de enquadrá-lo nos fenómenos do nível biológico da realidade. Defino "realidade biológica" como movimento de ácidos ribonucleíni

VILÉM FLUSSER

cos e albuminas. Dada a minha definição, é o vegetal um organismo. Mas com a minha definição antropomorfizei as plantas. Sou, eu próprio, um movimento das substâncias mencionadas. Sou "animal". A planta é um movimento de estrutura diferente, mas no mesmo nível. Participa comigo do mesmo nível de realidade. Somos, planta e eu, fenômenos do mesmo nível da realidade, embora de estrutura diferente. Em outras palavras: a planta é um animal estranho. Este é o meu antropomorfismo.

Mas ao dizer isto sei que violentei o fenômeno "planta". Forcei o fenômeno para dentro da camisa de força do meu modelo antropomorfo. A planta é autótrofa: é um processo pelo qual substâncias inorgânicas são metamorfoseadas. Esta é a realidade da planta: transformar o inorgânico em orgânico, inverter o fluxo da entropia. Procuremos intuir essa realidade vegetal, embora a tarefa seja desesperada. Procuremos ser plantas, pelo menos no curso deste artigo.

Sabemos, do segundo princípio da termodinâmica, que a realidade física é um processo que tende para a degeneração de todas as formas de energia. O mundo físico tende para a "morte de calor", isto é para um estágio derradeiro de desintegração total, (por uniformização total), de toda matéria e energia. No mundo físico empobrece paulatinamente a diferenciação, ou, negativamente, aumenta a entropia. Mas existe, dentro desse mundo desesperadamente condenado, uma ilha. É uma ilha na qual o processo entrópico está invertido. Nessa ilha diferenciações aumentam. Nessa ilha estruturas se complicam. Nessa ilha energias enobrecem. É a ilha da negentropia. A ilha das plantas.

Considerem uma árvore. É ela um processo pelo qual estruturas simples como sais, ácidos e bases são transformadas em estruturas complexas como folhas, flores e frutos. A árvore é um processo que imprime estruturas sobre algo pouco estruturado. A árvore é um processo "informativo". Informa algo que não tem forma. É ela o responsável por um enriquecimento da realidade. É, no sentido estrito do termo, um processo produtivo. Produz algo, a saber informação nova. A árvore é, toda ela, uma negação, (por inversão), da decadência do mundo inorgânico, do mundo desesperado da entropia. A árvore é, toda ela, uma articulação de esperança. De uma esperança que nega o segundo princípio da termodinâmica, ao produzir estruturas novas. Esta é a realidade da planta.

Não é a nossa. O homem, enquanto "animal", é um parasita que suga plantas. Não tem acesso direto ao mundo físico da entropia. É incapaz, pela estrutura do movimento que é, de transformar substâncias inorgânicas em estruturas mais nobres. Apenas modifica, pelo seu metabolismo, substâncias orgânicas já altamente informadas. Não há um salto ontológico entre a gordura vegetal ingerida pelo homem, e a gordura humana que resulta do nosso metabolismo. A atividade metabólica do homem é parasitária e supérflua, do ponto de vista da planta. O homem, (e o rei no animal todo), não, passa, do ponto de vista da planta, de uma excrescência cancerosa gigantesca que parasita sobre as plantas. O homem enquanto animal existe em realidade subordinada, secundária e degenerada. É um fenômeno de segunda ordem.

Contemplem uma planta. Procurem intuir a sua realidade. É um espetáculo comoven

3

-3-

VILÉM FLUSSER

te. Com que dignidade procura a planta inverter o fluxo do mundo. Com que dignidade procura anular a entropia. A enorme complexidade da sua estrutura é, toda ela, uma afirmação da dignidade do processo informativo. E essa complexidade pervade a planta toda, desde a sua organização molecular, a sua organização celular, até a sua organização morfológica. No entanto, não consegue derrubar o segundo princípio da termodinâmica definitivamente. Morrerá a planta. Será decomposta, no fim da sua carreira, em sais, ácidos e bases. Voltará, absurdamente, ao reino da física desesperada. Dada a morte, é a rebelião da planta uma afirmação orgulhosa e heróica, mas últimamente frustrada. Não representa a planta um espetáculo comparável ao da tragédia grega?

Sei que a minha descrição da planta é antropomorfa. Mas é de um antropomorfismo diferente do das ontologias tradicionais e bem comportadas. Procurei, neste artigo, romper as grades da condição humana ao permitir ao vegetal que seja ele mesmo. Procurei abrirme. Falhei, porque lancei a minha condição humana sobre o fenômeno que me era objeto. Não fiz fenomenologia. Mas creio que pelo menos apontei uma brecha possível. Não será este um dos métodos de uma futura ontologia? De uma futura libertação das grades que nos cercam?